Paratextos textuais em *Na minha pele*, de Lázaro Ramos

Paratextos textuales en Na minha pele*, de Lázaro Ramos*

Éric Reinaldo Carneiro Dias

Estudante do curso técnico em Automação Industrial, no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – campus Telêmaco Borba e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Instituto Federal do Paraná (PIBIC –JR), no projeto "Os paratextos na literatura", entre os anos de 2021 e 2022
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3773298069543181
E-mail: ericcarneirodias@gmail.com

Katrym Aline Bordinhão dos Santos

Doutora em Letras – Literatura, pela Universidade Federal do Paraná - UFPR
Docente de língua portuguesa e literatura no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – campus Telêmaco Borba
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4584-4197
Lattes: https://lattes.cnpq.br/9386095242700085
E-mail: katrym.santos@ifpr.edu.br

Resumo

A análise de textos literários no ensino médio muitas vezes assume um caráter superficial, em que questões como contexto são supervalorizadas, ficando os elementos importantes para os efeitos alcançados pelas produções em segundo plano, justamente o que permite um trabalho mais efetivo de interpretação. Diante disso, uma pesquisa que se concentre na análise de textos paratextuais se mostra importante, pois cria um espaço para a leitura e interpretação de textos literários, resultando em uma análise que pode dar origem a teses sobre as estratégias de autores nesse tipo de produção. Os paratextos, ainda que tenham estreita relação com o conteúdo e a forma romanesca, permitem uma proximidade com o público leitor, que gira em torno até mesmo de uma "orientação didática" sobre o ato de ler, ou consumir, literatura, o que permite uma análise dos aspectos que são vistos pelos autores, ou narradores em alguns casos, como importantes no texto literário. A obra em análise é *Na minha pele*, de Lázaro Ramos, escolhida especialmente pelo efeito de divulgação que teve sua capa, elemento paratextual de destaque, e tem como base teórica Gérard Genette. Por conta do questionamento do caráter autobiográfico da obra, essa caracterização também é mencionada. Espera-se que seja possível a formulação de uma tese acerca do comportamento e das estratégias utilizadas pelo autor, destacando as questões relativas à recepção dos leitores e à estruturação do texto literário.

Palavras-chave: Elementos paratextuais; literatura; capa.

Resumen

El análisis de textos literarios en la enseñanza media por veces adquiere un carácter superficial y cuestiones como la del contexto terminan siendo sobrevaloradas, de tal manera que los elementos realmente importantes para la construcción de los efectos logrados por la producción se queden en segundo plano, precisamente lo que proporciona un trabajo más efectivo de interpretación. Ante esto, una investigación que se centra en el análisis de textos paratextuales resulta importante, pues crea un espacio para la lectura y interpretación de textos literarios, desembocando en un análisis que puede dar origen a algunas tesis sobre las estrategias de autores en este tipo de producción. Los paratextos, aunque tengan una estrecha relación con los contenidos y con la forma novelística, permiten proximidad con el público lector y giran en torno hasta mismo de una "orientación didáctica" sobre el acto de leer, o consumir, literatura, rasgo que permitirá un análisis de los aspectos que son vistos por los autores, o narradores en algunos casos, como importantes en el texto literario. La obra en análisis es Na minha pele*, de Lázaro Ramos, elegida especialmente por el efecto de divulgación que ha tenido su tapa, elemento paratextual distintivo, y tiene como basis teórica Gérard Genette. Debido al cuestionamiento del carácter autobiográfico de la obra, esa caracterización es también mencionada. Es esperado que sea posible la formulación de una tesis sobre el comportamiento y las estrategias utilizadas por el autor, subrayando las cuestiones relativas a la recepción de los lectores y a la estructuración del texto literario.*

Palabras clave: Elementos paratextuales; literatura; tapa de libro.

Data de submissão: 13/05/2022 | Data de aprovação: 28/09/2022

DIAS, Éric R. C.; SANTOS, Katrym A. B. Paratextos textuais em Na minha pele, de Lázaro Ramos. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 179-188, jul./dez. 2022.

1 Introdução

O projeto de pesquisa "Paratextos na literatura" é desenvolvido no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – campus Telêmaco Borba desde 2020, e conta com bolsa de iniciação científica júnior custeada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFPR. Nesse contexto, no último ano realizou-se o estudo desses elementos e se propôs sua reflexão por meio de análise de alguma obra da literatura brasileira, a ser escolhida em conjunto com o estudante durante a pesquisa.

À vista disso, o livro *Na minha pele* (2017), de Lázaro Ramos, foi escolhido para ser analisado, por questões de identidade e representatividade do bolsista, ainda mais no atual cenário aterrorizante brasileiro, um país estruturalmente racista. A obra é narrada pelo próprio Lázaro, que se assume autor e narrador, e retrata a sua vida, como um negro, pai, com medos, alegrias, frustações e satisfações, revelando ao longo da leitura suas experiências, histórias, reflexões e memórias pessoais, nos convidando, assim, a despir toda a nossa pele e vestir a dele, a qual acredita em empatia, diversidade, respeito e consciência de igualdade.

Aliás, quando o presente artigo traz para análise uma literatura negra — que, assim como outras, ganha pouco destaque, — há positivamente um impacto social. Sendo assim, o artigo científico se torna um pequeno ato de visibilidade da comunidade negra, essa que está cansada de ter suas histórias, vivências e literaturas apagadas.

Naquilo que diz respeito à metodologia, a pesquisa bibliográfica será a principal ferramenta de análise da obra de Ramos, tendo o livro *Paratextos Editoriais* (2009), de Gérard Genette, como nossa base teórica, além de Philippe Lejeune (2008), por conta do questionamento do caráter autobiográfico da obra. Adentrando no objetivo fundamental do trabalho, poderão no fim ser entendidas as técnicas e as estratégias paratextuais utilizadas no livro inteiro pelo autor, havendo, então, uma amostra de compreensão da função dos paratextos em textos literários.

2 Desenvolvimento

2.1 Lázaro Ramos

Luís Lázaro Sacramento de Araújo Ramos, conhecido como Lázaro Ramos, é um ator, diretor, autor, dublador e apresentador negro e brasileiro. Nascido em Salvador, na Bahia, em 1 de novembro de 1978, possui fortes raízes na Ilha do Paty — distrito de São Francisco do Conde, um município a 72 quilômetros de Salvador, lugar onde viveu sua infância.

Lázaro detém em sua trajetória diversos trabalhos e obras renomados, entre eles estão papéis como o Foguinho, na novela *Cobras & Lagartos* (2006), pelo qual foi indicado para o *Emmy International Awards*, em 2007, e como Brau na série de televisão *Mister Brau* (2015). Além disso, como apresentador, Ramos ficou no comando do programa *Espelho,* do Canal Brasil, por 16 anos, trazendo ao público diálogos e debates de temas importantes, que nos

levam à reflexão e a novas perspectivas. No ano de 2022, estreou como diretor de cinema, com o filme *Medida Provisória.*

Em sua lista de obras literárias, podem ser encontradas literaturas infanto-juvenis, como *O pulo do coelho* (2021), *Caderno de rimas do João* (2015) e *Caderno sem rimas da Maria* (2018), nas quais ele traz temáticas de identidade e representatividade para as crianças, especialmente para as negras. Destacamos seu livro *Na minha pele* (2017), que representa as experiências de sua vida e uma troca empática de saberes, sendo também aquele que foi escolhido para ser analisado neste artigo científico.

2.2 O que são paratextos?

A compreensão de um livro não se dá apenas pela leitura de seu texto principal, mas também pelo conjunto de elementos verbais e/ou gráficos, o qual é chamado de paratexto, que acompanha a obra. Afinal, o primeiro contato com o leitor e o livro é feito por intermédio desses paratextos, guiando-o para a interpretação da literatura apresentada.

Segundo Gérard Genette (2009, p.9), um texto

> raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais amplo: para *torná-lo* presente, para garantir sua presença no mundo, sua "recepção" e seu consumo, sob forma, pelo menos hoje, de um livro.

Perante essa definição, paratexto, em outras palavras, pode ser estabelecido como um conjunto de elementos verbais e/ou gráficos — título, subtítulo, capa, nome do livro, nome do autor e etc., que emolduram o texto principal, isto é, acompanham a obra em sua totalidade. Logo, os paratextos funcionam como intermediários entre o leitor e o livro, com a atribuição de apresentá-lo e identificá-lo para que assim haja uma colaboração na recepção do exemplar. Por fim, é como Genette (2009, p.9) escreve: "o paratexto é aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral, ao público. "

Aliás, uma das coisas que mais chama a atenção no livro de Lázaro, aqui estudado, é a capa, sendo ela justamente um paratexto com muito destaque na obra desse autor. Portanto, a escolha do livro, sob uma ótica paratextual, se dá, principalmente, pelo fato do efeito de divulgação da sua capa e pelo comportamento autobiográfico de Ramos.

2.3 Capa

Apresentamos, então, a imagem que nos chama a atenção no elemento paratextual:

Figura 1 - Capa do livro

Fonte: Página do grupo Companhia das Letras[1]

A capa do livro *Na minha pele* (2017) é, certamente, o elemento paratextual com maior destaque, haja vista que logo no início do contato com o livro, nos deparamos com ela, em uma forma significativa e rebuscada. Diante dessa afirmativa, é necessário, então, descobrir o porquê de a capa ser considerada de fato um paratexto, e para a comprovação disso, utilizamos perguntas que Gérard Genette (2009) faz ao definir um elemento como paratexto:

> definir um elemento de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta *onde?)*, sua data de aparecimento e às vezes de desaparecimento (*quando?*), seu modo de existência, verbal ou outro (*como?*), as características de sua instância de comunicação, destinador e destinatário (*de quem? a quem?*) e as funções que animam sua mensagem: *para quê*?

É diante desse conceito de definição que a capa do livro *Na minha pele* (2017) se torna um elemento paratextual considerável e de grande exibição, uma vez que é possível responder todas as perguntas que, segundo Genette, determinam um paratexto.

Logo, as perguntas são respondidas da seguinte forma: *onde?* A capa se estabelece no primeiro contato com o leitor, ou seja, na primeira capa do livro *Na minha pele* (2017); *quando?* A capa apareceu junto ao ano de publicação da obra, em 2017, embora não saibamos de quando data a foto; *como?* A capa se concretiza em forma verbal — palavras escritas nela

1 Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=28000108. Acesso em 09 maio. 2022.

(título, autor, editora), e em forma visual — a fotografia do rosto de Lázaro Ramos; *de quem?* De Lázaro Ramos — autor do livro e da editora; *a quem?* Ao público — leitores e não leitores. Já a última pergunta, sendo a mais importante para esta análise é explorada na citação de Glauciane Santos (2020), redatora do portal *online* Literafro, em uma resenha sobre a obra de Ramos:

> Na esmerada produção gráfica, a novidade é a fotografia de Bob Wolfenson, que retrata o próprio Lázaro Ramos na capa, fato que por si já constitui uma mensagem enunciativa e discursiva para o público leitor. Este pode presumir erroneamente, antes mesmo de abrir o livro, que é vaidade pretensiosa do escritor autorretratar-se. Entretanto, a imagem ilustrada nos convida a fazermos interlocuções com o título da obra, e também redimensiona a possibilidade de convergência com as memórias do autor. Tornou-se um hábito de inúmeros leitores do livro *Na minha pele* tirarem fotografias para as redes sociais retratando-se na seguinte posição: colocam sobre metade de seus rostos parte da obra literária, e fotografam-se em simbiose com esta. A leitura que fazemos é provocada pela intencionalidade da proposta, que tende, antes mesmo do abrir as páginas do livro, a fazer o leitor ter empatia e colocar-se no lugar do outro, para que de alguma maneira possa desvestir-se de ideias preconcebidas ao iniciar a leitura.

Neste caso, então, o livro é, sim, julgado pela capa, pois ela expressa toda a identidade da obra, de tal forma que passa explicitamente sua mensagem de representatividade, devido ao fato de ter a fotografia de um negro na capa de um livro, que junto ao elemento verbal "Na minha pele", estampado na capa, do lado da imagem Ramos, convida as pessoas para lerem, ou seja, vestirem sua pele. Essa capa, tal como Santos cita em sua resenha, também causou uma "corrente" de fotos com os rostos dos leitores ao lado do livro, formando, assim, um só rosto, metade da face de Lázaro e metade da face do leitor.

Sob essa ótica, cria-se, de certa maneira, um ato de incorporação na obra, posto que o leitor se coloca ao lado de Lázaro Ramos, completando o lugar "ausente" dele. Tal situação pode criar uma mentalidade de empatia pelo outro, uma vez que o leitor no primeiro contato com a obra já consegue se colocar na pele de outra pessoa, precisamente na pele de um negro, antes mesmo de começar a ler, tanto que em razão disso ele até é capaz de pressupor o que o aguarda no texto principal.

Figura 2 - Pessoas com a capa do livro em simbiose com o rosto

Fonte: Página do jornal Correio 24 horas[2]

Ainda que não se refira especificamente à capa do livro, Lázaro aborda a importância da representação da imagem em capas de revista, quando ele comenta sobre a experiência de sua esposa, Taís Araújo, uma mulher negra, posando. Ele relata no livro o esforço que ela faz, quando convidada a fotografar por uma revista, para realizar o trabalho, pois entende o quanto isso tem um caráter de representatividade e político. Afinal, infelizmente, não é sempre que vemos pessoas negras em capas de revista, e já sabemos o porquê. Então, quando isso acontece, a imagem compreende uma condição de importância representacional, expressando a habilidade que ela tem de conseguir despertar identidade, visibilidade e representatividade nas pessoas, neste caso, nas pessoas pretas.

Dando prosseguimento à abordagem do paratexto capa, Genette aponta algumas possibilidades de figurações em uma capa, que a definem como tal. No caso de *Na minha pele*, temos as seguintes na primeira capa:

- nome ou pseudônimo do autor;
- título da obra;
- retrato do autor (no caso, é o grande destaque da capa).

Já no caso da quarta capa, o exemplar contém:

- *release* (que, de acordo com Genette (2009, p.97) é um "texto curto [...] que descreve, à maneira de resumo ou de qualquer outro meio, e de modo normalmente elogioso, a obra a que se refere");

2 Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lazaro-ramos-discute-racismo-em-na-minha-pele-livro-que-lanca-hoje-em-salvador/. Acesso em 13 maio. 2022.

- citações da imprensa, ou outras apreciações elogiosas, sobre obras anteriores do mesmo autor, ou mesmo dessa (conta com três textos elogiosos de personalidades – Wagner Moura, Zebrinha e Lilia Schwarcz);
- o número de ISBN; e
- o código de barras magnético.

Por fim, descreve que a lombada "traz, na maioria das vezes, o nome do autor, o logotipo da editora e o título da obra" (GENETTE, 2009, p.29), o que ocorre no caso em questão. Vale destacar que a lombada e a toda a capa têm como fundo a cor laranja neon, o que certamente colabora no destaque quando exibido na prateleira.

3 Autobiografia

Não há nenhuma escrita do termo autobiografia na capa, folha de rosto, na contracapa ou nas orelhas da obra, uma vez que essa "escrita" se caracterizaria como um paratexto, pois estabeleceria uma identificação do texto ao leitor. Porém, dentro do livro é suscetível de ser observado que Lázaro Ramos possui uma grande preocupação com a autobiografia, seja pelo fato de não querer que sua obra se torne uma ou pelas justificativas caso ela realmente venha a se tornar. Dessa maneira, durante a pesquisa e observação dessa situação, acreditamos que seria importante abordarmos o comportamento literal de Ramos diante de sua própria narrativa pessoal.

Por mais que Lázaro deseje, ou queira fazer parecer que deseja, que seu texto não seja uma autobiografia por inteiro, a forma com que ele tece sua escrita acaba transformando-a, em uma: "Os momentos que soarem mais autobiográficos estão aqui apenas para servir de fio condutor da viagem que fiz para destrinchar esse tema. " (RAMOS, 2017, p.13).

Quando o leitor observa a página do título, ocorre uma incorporação do nome do autor ao texto, criando assim uma identidade de nome, sendo esse um critério textual geral e crucial para a identificação do gênero literário autobiografia. Uma vez entendido que no momento em que no texto o mesmo "eu" mencionado pelo autor é igual ao "eu" mencionado pelo narrador, a então identidade de nome — relação entre autor, narrador e personagem, é estabelecida, e o pacto autobiográfico é firmado, de acordo com Philippe Lejeune (2008).

Posto que, para Lejeune, a identidade de nome pode ser estabelecida de duas formas: *Implicitamente* e *De modo patente*, é afirmável que a identidade de nome de Lázaro é feita *implicitamente,* haja vista que essa é realizada no momento do pacto autobiográfico, regida pela ligação do autor e do narrador, assumindo assim sua forma na seção inicial do texto, que segundo Lejeune (2008, p. 27) é "onde o narrador assume compromissos junto ao leitor, comportando-se como se fosse o autor, de tal forma que o leitor não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato de que o 'eu' remete ao nome escrito na capa do livro, embora o nome não seja repetido no texto." Na seção inicial do livro *Na minha pele* (2017, p.14), o narrador atribui "compromissos" com o leitor, passíveis de serem observados no trecho:

> Espero que aqui você dialogue prazerosamente com outras pessoas. Com elas, além de ter aprendido muita coisa, organizei ideias, pontos de vista e percepções a respeito de como somos afetados individual e coletivamente por simples gestos (sejam eles positivos ou negativos).

Aqui é comprovado o que Lejeune pondera, posto que Lázaro se compromete a passar um conteúdo prazeroso e organizado para a pessoa que irá ler. Ademais, Ramos durante a seção inicial do texto, que, aliás, é uma mistura da saga da escrita de seu livro com momentos da sua vida pessoal, se comporta de modo tão comprometido, dentre as entrelinhas e discretamente, com o leitor, que quase a todo momento acaba assumindo compromissos com quem está lendo. Seja através de perguntas como: "Vamos buscar soluções efetivas para transformar essa situação? " (RAMOS, 2017, p.13); ou mesmo afirmações, conforme este trecho "Por isso, sempre que eu falar de mim neste livro, estarei também falando sobre você. Ou, ao menos, sobre essa busca saudável por identidades. " (RAMOS, 2017, p.13), são realizados combinados com o leitor. Assim, torna-se evidente que o "eu" presente no decorrer da leitura, o qual o narrador cita, é o nome estampado na capa da obra, ou seja, o nome de Lázaro Ramos.

No final, até mesmo a negação presente na seção inicial acaba colaborado com esse viés autobiográfico. Ele se compromete a não transformar a obra nesse gênero, porém seus esforços não duram muito, tanto que no meio do capítulo intitulado *A ribalta*, ele escreve "Ih, está ficando muito próximo de uma autobiografia, não é? Enfim…" (RAMOS, 2017, p.60). Fica claro, nesse trecho, que Ramos acaba admitindo, ainda que de uma forma contida, sua obra como uma autobiografia.

4 Impacto social

Ao optar por trabalhar com a obra em questão, foi mencionado o caráter identitário e representativo dessa escolha, o que nos leva ao impacto social que pode assumir. Partindo de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, uma das primeiras ações nesse sentido foi buscar artigos que já haviam trabalhado com o livro de Lázaro Ramos, o que nos mostrou não haver abordagens até o momento de escrita deste artigo. É preciso levar em conta que se trata de uma publicação recente (2017), mas chama a atenção não haver menções em busca simples no Google Acadêmico, por exemplo.

Uma hipótese surgida para explicar esse fenômeno aparece na observação de Domício Proença Filho (2004, p.161): "A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. " E é devido a esse tratamento marginalizador, citado pelo professor e pesquisador, podendo ser colocado também como um tratamento ruim e de rebaixamento, que autores e autoras negros não ganham ênfase em suas obras. Isso é fruto do racismo estrutural e enraizado na nossa sociedade, que sempre inferiorizou e rejeitou os trabalhos de pessoas negras.

Isso se aproxima da sensação experimentada e descrita por Lázaro no romance, quando explica o processo de criação e desenvolvimento de seu programa *Espelho*, veiculado pelo Canal Brasil. Na ocasião da pesquisa, o autor faz o seguinte comentário: “Queria mostrar as riquezas da cultura afro-brasileira, da qual eu tanto me orgulho e que é tantas vezes ignorada. ” (RAMOS, 2017, p.12). Dessa maneira, quando este artigo científico traz para a análise a literatura de um negro, o ciclo de inviabilização é quebrado e um impacto social é criado, dando lugar na pesquisa e entendimento para as palavras e estratégias de escrita de uma literatura negra.

5 Conclusão

Ao iniciar esta análise, tínhamos como objetivo a formulação de uma tese acerca do comportamento e das estratégias utilizadas pelo autor, destacando as questões relativas à recepção dos leitores e a estruturação do texto literário. No que diz respeito à recepção, o paratexto capa é o que mais se destaca, tanto por conta de ser o primeiro contato, na maioria das vezes, quanto ao possibilitar uma consequência de reconhecimento, afinal, conforme acima mencionado, trata-se de um ator reconhecido nacionalmente, o que já pode atrair uma parte do público leitor interessado e conhecedor de sua obra audiovisual.

Em um segundo momento, a identificação com essa imagem também funciona como elemento de atração de leitores, e, por fim, a “brincadeira” possível de se fazer com o preenchimento do rosto também é algo que colabora para o caráter distinto desse elemento, que, a nosso ver, caracteriza-se diferentemente das capas que apenas constam do título e alguma ilustração. Sem falar no impacto social que a figura de um homem negro em destaque traz para a identificação dos leitores, que abordamos quando mencionamos, por exemplo, a presença de negros em capas de revista.

Com relação à estruturação do texto literário, chamou-nos a atenção o caráter autobiográfico, negado diversas vezes pelo narrador, mas que, como comprovamos a partir de Philippe Lejeune (2008), permite que se considere como escrita autobiográfica. Entendemos que essa situação, inclusive, funciona como mais um elemento de aproximação com o leitor, que costuma admirar histórias que possuem relação com a veracidade. Dessa forma, o livro, por meio do paratexto capa, configurando uma estratégia de recepção para o exemplar, e da autobiografia para estrutura de escrita, conquista leitores e demonstra como de fato o elemento paratextual é tomado pelo autor como mais uma ferramenta para a divulgação e mesmo orientação de leitura de sua obra.

Referências

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados,** *[S. l.]*, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980. Acesso em: 10 maio. 2022.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, Lázaro. **Caderno de Rimas do João**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

RAMOS, Lázaro. **Caderno sem rimas da Maria**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

RAMOS, Lázaro. **O pulo do coelho**. São Paulo: Carochinha, 2021.

SANTOS, Glauciane. Reflexões de um jovem escritor sobre as relações raciais no Brasil. **Literafro** – O portal da literatura Afro-Brasileira, Belo Horizonte/MG, 31 ago. 2020. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/393-reflexoes-de-um-jovem-escritor-sobre-as-relacoes-raciais-no-brasil. Acesso em: 4 out. 2021.